

POESIA: EXPERIÊNCIA ERÓTICA? RESPOSTAS MASCULINAS HOJE

Angélica Soares

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Este ensaio apresenta uma abordagem crítica de poemas de Armando Freitas Filho, Paulo Leminski, Gilberto Mendonça Teles e Max Martins nos quais, ao se recriar literariamente a atividade erótica, se faz uma reflexão sobre a própria natureza do fenômeno literário, impondo-se ambos como experiências inseparáveis.

Pela identificação com o erotismo, intensifica-se na poesia o seu poder questionador da essência humana e agenciador do sentimento de continuidade em substituição ao isolamento, bem como sua natureza geradora, transbordante e conectante — traços também caracterizadores da vigência de Eros.

Aqui selecionamos, da produção lírica de autoria masculina contemporânea, alguns momentos em que, ao se recriar literariamente a atividade erótica, se faz uma reflexão sobre a própria natureza do fenômeno literário, impondo-se ambos como experiências inseparáveis. Através dessa identificação com o erotismo, intensifica-se na Poesia o seu poder questionador da essência humana e agenciador do sentimento de continuidade em substituição ao do isolamento, bem como sua natureza geradora, transbordante e conectante — traços também caracterizadores da vigência de Eros.

“Mademoiselle Furta Cor I”, de Armando FREITAS FILHO, põe em tensão a consciência literária do erotismo e a consciência erótica do literário, trazendo-nos o sentido do conhecer, enquanto co-nascer, nascer com o outro, nas ações de espreitar, desvendar, cravar, penetrar, adentrar, exprimir, escrever:

Por esta fresta te espreito
 Por esta fenda te desvendo
 Por esta fresta
cravo
 sonda contra esponja,
 e babo
e te penetro
 tes e reto, e por inteiro
 o seu corpo se entreabre:
 porta e perna, caixa e coxa.
 Por esta fenda
tenda
 de pele que se franze,
 e rasga
eu me adentro
 feito de espera e de esperma:
 e espremo — te aperto — e exprimo
 toda a cor da carne do amor que escrevo.

 Por esta fresta me espreito
 Por esta fenda me desvendo¹.

A “sonda”, que metaforicamente remete para o órgão sexual masculino, também conduz para o sentido de sondagem, que redimensiona psicológica e existencialmente a relação, na qual cada um dos parceiros se completa no outro (veja o jogo entre os dois primeiros e os dois últimos versos), assim como o erotismo se completa no literário e vice-versa; o que vem fortemente indicado na formulação do poeta “... e exprimo/toda a cor da carne do amor que escrevo”, a nos permitir entrever a literatura como corpo, no qual se exprime e se aperta a expressão, em busca do contato maior, questionador do Ser.

A repetição da coordenativa “e” marca textualmente a construção acentuadamente lírica do poema e, ao mesmo tempo, revestindo-se de uma função que ultrapassa o espaço textualizado, remete para o desejo de continuidade, que mobiliza as ações de Eros.

A disposição gráfica dos versos imprime-lhes um ritmo, que foge aos esquemas pré-fabricados e se apresenta como forma de figurização plástica dos movimentos de penetração e adentramento, também referidos morfo-semanticamente.

¹ FREITAS FILHO, Armando. Mademoiselle furta-cor. I. In: SAVARY, Olga (org.). Carne viva, primeira antologia brasileira de poemas eróticos. Rio de Janeiro: Anima, 1984. p. 78.

As aliterações, através das quais se constrói quase todo o poema, nos trazem a sensação dos ruídos, ora vibrantes, ora sussurrantes do ato de amar-escrever o amor, numa linguagem concentrada, assim como se concentram as imagens eróticas, a se introduzirem sempre pelo lírico refrão "Por esta fresta/Por esta fenda".

Com a Poesia de Armando Freitas Filho refaz-se metaforicamente o contato carnal, que é, ao mesmo tempo, contato com a linguagem erotizada.

Paulo LEMINSKI com "Escura a rua", constrói, identificando o "eu" e a paisagem, a tensão entre o desejo erótico e o literário, ambos realizando-se em uma explosão:

escura a rua
 escuro
 meu duro desejo
 duro
 feito dura
 essa duna
 donde
 o poema uma
 esp uma
 uma
 doendo
 ex
 pl
 ode².

Enquanto explosão, a referida tensão se realiza num lançar-se para fora, indicado pelo "ex" do ex/pl/ode, que aparece sintomaticamente ressaltado pela fragmentação da palavra. E faz sobressair também o caráter lírico atribuído ao desejo que, já sugerido pelas aliterações, no último verso se indica pela alusão à "ode". O poema, embora estruturado assimetricamente, o que o desvia daquele tipo de composição, mantém o sentido do canto, ao qual se dedicava a ode, em suas origens.

Se observarmos a insistência, até o 12.º verso ("doendo"), dos sons vocálicos fechados e os confrontarmos com a abertura da vogal tônica do último verso ("ode"), podemos indicar no poema, dois grandes movimentos: um primeiro, em acordo com a concentração semântica na referência à obscuridade, que nos remete à idéia de dificuldade (veja "doen-

² LEMINSKI, Paulo. In: SAVARY, Olga.... p. 298.

do"), na busca de satisfação do desejo e de construção da imagem e um segundo movimento, de clarificação, de alcance da catarsis poética e da satisfação erótica. Cabe ao poeta, portanto, romper a escuridão, fazer explodir os limites da língua, que são também as limitações do desejo.

A referência à explosão do poema, através de um elemento natural ("duna"), dirige-nos a atenção para a capacidade produtiva da natureza ("naturans"), que ultrapassa o já existente ("natural"). Assim, "duna" e "desejo" são possibilidades de manifestação da Poesia. Assim, se fica mais próximo do sentido de *poein*, que tanto comprehende as qualidades ativas das potências, quanto a potência humana, produtora de vida. A poesia, identificada com a força de Eros, melhor nos remete para esse caráter gerador.

Em "Arte de amar", que é também arte de construir versos, de Gilberto Mendonça TELES, nos deparamos com a mesma identificação entre corpo e poesia:

3. Abro o espaço da fome e me abasteço das coisas mais comuns.

Sou trivial e sóbrio, mas faminto.
Amo o jogo das tripas e dos tropos
e todo dia excito a competência
da língua retorcida como um búzio
nas vésperas da posse.

8. E sete vezes sete (e mais a conta
dos números do mito) arremeti
meus dardos contra os muros
dessa tebas morena de mil olhos.

E sete vezes sete (e mais o fôlego
dos gatos guturais) recomecei
o gesto natural da minha flauta
que a chuva modulava no alicerce,
como a canção de amor que principiava
pelas curvas do ventre nos espelhos³.

Aí, o fazer poético aparece como necessidade orgânica e, por isso, "natural" (14.º verso citado), processando-se pela excitação "da língua retorcida como um búzio/nas vésperas da posse". A opção pela ambigüidade da imagem, traz-nos a ambivalência de "língua": código, discurso e, ao mesmo tempo, fonte de prazer erótico. Por ela, experimentam-se o gosto e a satisfação da "fome" do poesar e do amar.

³ TELES, Gilberto Mendonça. Arte de amar (fragmentos). In: Poemas reunidos. Rio de Janeiro, Olympio/Brasília, INL, 1978. p. 40-43.

A aproximação fônica de “tripas” e “tropos”, num recurso paronomásico, introduz a aproximação semântica requerida pelo poeta.

No oitavo segmento, é pela convocação do mito que o poeta, Anfion da palavra, nos transmite a sensualidade do exercício diário de edificação literário — amorosa. E essa tebas — poema, antropomorfizada, torna-se uma “morena de mil olhos”. E o modular da “chuva” no “alicerce”, simultaneamente poético e erótico, se assemelha a “curvas do ventre nos espelhos”.

O trabalho literário erotizado é a forma encontrada pelo poeta para garantir o “fôlego” do contínuo recomeçar. Como os “gatos guturais”, ele incorpora a simbologia das sete vidas, multiplicadas.

De Max MARTINS, ressaltamos “jaculatório és”, onde, através de uma construção lírico-dramática um “eu”, ao expressar-se enquanto construtor de versos, se dirige a um segunda pessoa, o próprio verso, imprimindo neste uma percepção erótica:

Jaculatório és
 meu verso: pênis
 ponta do olho atinge o olho
 o olho
 que te pariu, meu verso
 reverso
 atrás da seta
 que te conduz
 condiz
 à queda
 A força do repuxo
 catapulta expulsa
 alcança a ilha: Terra!
 — teu país — paul
 lá onde
 a tua oração
 ereção
 deságua⁴.

O poeta traz-nos a imagem do verso que se lança dos genitais, em movimentos de expulsão, que são vividos como parto ou como ejaculação, ressaltando-se, assim, o caráter gerador, próprio da literatura.

⁴ MARTINS, Max. In: SAVARY, Olga... p. 254.

Em jactos se faz o poema, em jactos se distribuem os versos no papel, assimetricamente, acompanhando o apelo semântico da queda (após a satisfação — produção) e do desaguar (momento de completação do ato erótico-literário).

A aproximação fônica, num processo de palavra — puxa palavra ("verso" — "reverso", "conduz" — "condiz", "catapulta" — "expulsa", "oração" — "ereção", "país" — "paul") grava, no poema um ritmo que pode ser fruído como o de jactos do desaguar.

Por um processo paronomásico aproximam-se semanticamente "ereção" e "oração": corpo e escrita, numa erotização do verso, geograficamente situada em terra — firme ("a ilha"), que é, ao mesmo tempo, pântano ("país — paul"). Parece-nos querer falar Marx Martins da busca, inquietante e sempre insatisfeita de Eros e do próprio poeta, na procura incessante de novos caminhos de satisfação.

A partir desta seleção da lírica contemporânea é importante ressaltar que esse processo amalgâmico entre literatura e erotismo não é exclusivo de visões masculinas, constituindo também a temática de poemas eróticos de autoria feminina. E, se os aspectos da vivência erótica poematizados se diferenciam, o investimento no fato de que a experiência literária (qualquer que seja o tema escolhido) é sempre experiência erótica vem-se tornando uma constante no poema erótico hoje.